

Um dos últimos baleeiros

gria é quando a gente tem o porão com 20, 30 toneladas. A malta abraça-se. O mês está ganho.” O valor que levam para casa varia muito. “Já tive um mês que ganhei 70 euros.” Uma tristeza. “Também já tive um mês de 3300”, apressa-se a contrapor. “No ano passado, começámos por receber 380 euros. Depois, 2200.” vido de saber, já se fez contramestre.

José João também regressou àquela arte. “Quiseram reduzir salários”, recorda. “Desisti. Voltei para o meu ofício. Há quatro anos, surgiu-me uma oportunidade de contramestre. Agarrei-a. Há dois anos, surgiu-me uma oportunidade de mestre na *Maria Leontina*. No ano passado, surgiu outra, no *Autonomia*. Estou, pelo segundo ano, no *Autonomia*.” E aí tem como contramestre ... o genro.

A aproximar-se o início da faina, que este ano uma avaria empurrou para o início de Abril, Odília e Joana trataram de lavar as roupas dos seus homens. “As roupas ficam muitos meses guardadas, a gente lava tudo para ficar com um cheirinho mais fresco”, conta Joana. “Depois é comprar as coisinhas que eles gostam de comer no dia-a-dia. O Bruno gosta de levar fruta, iogurtes. Às vezes, quando tenho tempo, faço um bolo para ele levar. Ele também leva o seu próprio café porque não gosta do café do barco.”

Na Madeira, o peixe é assunto de homens. Eles não se limitam a pescá-lo. Antes de haver lota no Caniçal, eram homens, como Júlio Nunes, que transportavam gelo do Funchal para o Caniço e peixe do Caniçal para o Funchal. E, ainda agora, só se vê homens atrás dos balcões da praça de peixe do Mercado dos Lavadores, na baixa da maior cidade da ilha.

“Sempre foi assim”, garante o peixeiro José Ferreira, sem tempo para grandes conversas. Estava com um facão a cortar um atum de 50 quilos e tinha o patrão de olho nele. A uns metros, estava Carlos Jorge. E esse tinha vagar. Estivera na lota naquela manhã, não compra peixe. A faina fora fraca. Quando há pouco peixe na lota, o preço dispara. Tem de fazer contas. Nem sempre compensa.

Carlos Jorge anda a vender peixe desde os 12 anos. Chegaram a ser oito irmãos e cunhados naquela praça. “Uns já morreram, outros estão reformados. Agora, trabalho por conta própria. Tenho um sobrinho que trabalha comigo. A gente trabalha aqui e também vende peixe numa carrinha.” Passa as manhãs a percorrer as estradas da Ribeira Brava, São Vicente, Santana, na carrinha, de altifalante, a anunciar: “Espada, chicharros, cavalas, atum.” Quem o ouve pode logo pensar em fazer um atum de escabeche com batatas cozidas, uns filetes de espada-preto com milho frito, umas cavalas com molho de vilão e batatas murchas ou outras receitas típicas da região.

Aquele peixeiro é oriundo de outra comunidade piscatória da ilha, Câmara de Lobos. Não é, mas já foi casado e os seus filhos também se desviaram do mar. “Um é segurança. Uma é educadora. Outro ainda está na escola, só tem 15 anos.” Gosta que a linha se tenha quebrado. “Quando está bom tempo, os pescadores arranjam peixe, a gente compra, ganhamos todos. Quando está vento, não ganha ninguém.”

O vento é uma espécie de papão. O naufrágio do *Setemar* veio reforçar essa certeza já antes tantas vezes reforçada. “Quando a gente apanha vento, às vezes, é tão duro que a gente só pensa na família”, comenta Bruno Abreu. Quando Joana nota vento também só pensa nos homens da família que estão no mar. Rezam todos a Nossa Senhora da Piedade.

A memória de Manuel Moreira já se baralha, mas ainda guarda episódios da caça à baleia. Não parece coisa que um homem possa apagar. “Aos anos que já saí... ainda sonho.” Sonha que anda no mar, de lança na mão, a perseguir e a matar cachalote, o maior animal com dentes.

Foram muitos anos naquela vida. Começou em 1956, um ano antes de se casar. Antes disso, andou na pesca do atum. “Ganhava-se melhor uma pataca.” E todas as patacas contavam. Nesta casa minúscula e atravancada situada numa rua inclinada da vila do Caniçal em que agora fala, ele e a mulher tiveram dez filhos.

Não havia tradição de baleação no arquipélago da Madeira. Aquela era uma actividade muitíssimo recente. As técnicas tinham sido trazidas por açorianos, que há muito as tinham aprendido com norte-americanos de New Bedford e Nantucket.

Os dois primeiros cachalotes foram capturados em 1941 e desmanchados no calhau das Pedras Vermelhas, na Ribeira da Janela, no concelho de Porto Moniz, na costa Norte da ilha da Madeira. Foi lá que se instalou o primeiro “traiol”, uma rudimentar estação de extracção e processamento de óleo de cachalote. Um ano depois, montaram outro no calhau do Garajau, na freguesia do Caniçal, concelho de Machico, na costa Sul, menos propícia a ventos e chuvas. Em 1951, abriu a fábrica de processamento de produtos de baleia no Caniçal.

Diz Ana Nóbrega, directora do Museu da Baleia, que o isolamento da freguesia pesou na escolha. O cheiro era intenso. “O Caniçal, até meados do século XX, era uma zona isolada. O acesso à vila mais próxima, Machico, era feito por mar ou por uma vereda. Quando havia mau tempo, havia muita fome. A necessidade obrigava a ter uma grande capacidade de adaptação.”

Manuel Moreira apressa-se a descrever o processo: “A pesca da baleia é o seguinte: temos vigias em toda a volta da Madeira (as vigias ainda estão lá, as pessoas é que já foram). Os vigias estão a olhar para o mar e o primeiro que vê dá [o foguete]”. Naquele instante, tudo se suspendia. Os homens largavam o trabalho que estavam a fazer na fábrica e iam preparar as embarcações. E as mulheres largavam as suas tarefas e principiavam-se para eles com agasalho e merenda.

O risco era sempre desmedido. “As embarcações eram maneiras, não era cá como estas embarcações que há agora, isto agora... eles vão ao fim do mundo”, realça. Nos primeiros tempos, nem havia motores. “Quando havia vento de vela, dava-se a vela e trancava-se mesmo a vela. Quando não havia vela, era de remos.”

Só no final daquela década, por ali se viram aparecer as baleeiras de contraplacado marítimo com motores a gasolina. Em vez de sete homens, metiam-se quatro em cada lancha. “As lanchas iam cercando [a baleia] e a gente ia-se trancando e depois matava-se. Não é que não tivesse medo. Fui cinco vezes à

água. A gente vai escolhendo sempre as maiores. E eu tranquei, e fui pelo ar e calhei em cima delas. Mas elas também têm medo, elas querem fugir e elas fazem isto, batem [com a respectiva barbatana] na baleeira. E a gente, se não se segura, vai pela borda.” É a forma que têm de defender-se. “Elas vão à hora da morte e vão sentindo, sentindo... é como um louco que não sabe o que faz.”

Não é capaz de dizer quantas matou. “Eu já não sei quantas eu matei, que eu ‘tive’ aí trancado quinze anos. Eu não sei quantas matei. Matámos 44 num dia! Já cheguei a matar uma baleia grande, 18 metros, com uma lançada só. Calhou nas linhas do coração e quando os outros chegaram ao pé da gente, já ela ‘tava’ morta.”

A partir de meados dos anos 60, já havia menos baleias e menos procura de óleos, farinhas e outros produtos derivados das baleias. Na década de 70, ganhou força o movimento de defesa de cetáceos.

Diversos países proibiram a comercialização daqueles produtos. Em 1981, a Empresa Baleeira do Arquipélago da Madeira encerrou a sua actividade.

“A pesca à baleia acabou voluntariamente na Madeira”, enfatiza Ana

Nóbrega. A Comissão Baleeira Internacional anunciou em 1982 a suspensão da caça de todas as espécies de baleias com início a partir de 1985 e 1986. “Em 1981, foi caçado o último cachalote na Madeira, o que quer dizer que foi voluntariamente que se encerrou a actividade na região autónoma.” Na região autónoma dos Açores, a actividade terminou em 1984, mas ainda se caçou três cachalotes em 1987, levando a CEE a cancelar o projecto de reconversão da indústria baleeira em observação de cetáceos.

Os antigos baleeiros dispersaram-se por outras actividades. Manuel Moreira foi fazendo o que lhe aparecia para sustentar os oito filhos (dois morreram). “Já trabalhei em jardinagem, já trabalhei no Porto Moniz, já trabalhei no Porto Novo e ‘tava-se’ no chão de casas. Quando aparecia trabalho, a gente só ‘tava-se’ à exposição.”

Logo em 1990 abriu o Museu da Baleia. Nos primeiros anos, funcionou na antiga praça de peixe do Caniçal. Desde 2011, funciona num edifício construído de raiz com duas exposições permanentes, uma dedicada à história da caça à baleia na Madeira e outra às baleias e golfinhos do arquipélago.

Este que é um dos últimos baleeiros da Madeira já lá esteve diversas vezes a partilhar a sua experiência. “Eles mandaram-me chamar, mandaram-me falar com aquelas crianças da escola e isso tudo”, conta. “Elas faziam perguntas: Como era? Como matavam? Como é que se fazia.” E ele ia satisfazendo a sua curiosidade. Não tem remorsos. Empurrava-o a necessidade. “Tinha-se que ir a elas, porque era o nosso pão da vida.” E não pensava naquilo como uma crueldade. “É como uma pessoa a matar um porco. Não tranca da primeira vez para deitar sangue, que as pessoas gostavam de comer o sangue.” **Ana Cristina Pereira**

“

Eu já não sei quantas eu matei. (...) Matámos 44 baleias num dia!
Manuel Moreira

